

# A CIDADE DAS DAMAS: UM ROMANCE DE (ANTI)TESE

Karla Cristiane PINTAR\*

**RESUMO:** A ressignificação das visões constituintes de histórias fossilizadas na sociedade sobre determinados acontecimentos ou grupos sempre foi um trabalho árduo, visto que deve haver a reconstrução da moral advinda de exemplos estipulados como naturais e corretos dentro de um contexto. Não é diferente, portanto, o que ocorre em *A Cidade das Damas* [*Le Livre de la Cité des Dames*, 1405], obra de Christine de Pizan, que desconstrói as teses já pré-estabelecidas, respaldadas por renomados autores e pela interpretação bíblica dos homens do Medievo sobre as parábolas, acerca do papel das mulheres na Idade Média. Nesse sentido, observa-se o uso de teses e antíteses, sendo estas as reavaliações dos exemplos e, conseqüentemente, das morais fundamentadas neles e inalteradas durante séculos, objetivando uma renovação da visão do leitor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ressignificação. Tese. Antítese. Moral. Exemplo.

## Introdução

A Idade Média francesa foi de grande representatividade no que concernem as diversas produções de célebres nomes da área da Filosofia e da Literatura, como Aristóteles, Cícero, Ovídio, Giovanni Boccaccio, Jehan Le Fèvre dentre outros, os quais simbolizavam o conhecimento e a sabedoria que, anteriormente, eram de domínio quase que exclusivamente clerical. Durante esse período, entretanto, a partir principalmente do ano de 1370, alguns textos que antes estavam restritos ao latim e à Igreja passaram a ser traduzidos e levados para outras regiões dentro da Europa de modo a constituir a biblioteca de alguns letrados. O rei Carlos V, nessa importante época, figurou como aquele que aperfeiçoaria o acervo da monarquia

---

\* Doutoranda em Estudos Literários. UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara - SP - Brasil. 14.800-903 - karlapintar@hotmail.com

francesa ao solicitar a tradução da *Política* de Aristóteles e do *Songe du Vergier*, feitas por Nicolau Oresme, em 1376, e Raul Presles, em 1378, respectivamente (ASSIS, 2008,). Assim, houve o estímulo para que aqueles que tivessem acesso a essas obras desenvolvessem maior autonomia sobre o conhecimento que recebiam, posto que, agora, outras visões poderiam ser analisadas e outros temas trabalhados em virtude dessa benfeitoria.

Esse feito não foi somente um marco em relação à literatura e aos conhecimentos gerais que circundavam o Medievo, mas também foi a confirmação do esfacelamento de parte do poder do clero em relação ao monárquico: a querela entre essas duas fortes instituições, conhecida como o Grande Cisma do Ocidente, fez com que a força deixasse de ser concentrada somente na Igreja, visto que, anteriormente, ela ganhava um expressivo poder, anuviando as forças do rei. Os laços resistentes entre essas duas entidades começaram, portanto, a ser revistos. Nos anos finais do Medievo, diante desse contexto, surgiram cada vez mais reflexões que pensavam a natureza humana e a vida política, dentro da sociedade, marcadas não somente pela influência eclesiástica – que ainda detinha grande respeito e atuação entre os povos –, mas também por novas ciências que foram primordiais para o desenvolvimento de diferentes crenças.

Assim, é dentro desse sucinto contexto histórico que se encontram *A Cidade das Damas* [*Le Livre de la Cité des Dames*, 1405], de Christine de Pizan, copista, escritora e conselheira do príncipe, e sua criação alegórica para a reinterpretação da moral e da ética medievais a partir da leitura tanto das histórias pagãs quanto das parábolas bíblicas. Ao revisitar as histórias – as quais não pertencem somente à Idade Média –, Pizan propõe ressignificar os exemplos reunidos, que antes valorizavam o estamento social patriarcal e imergiam a parcela feminina, à sombra de análises das narrativas sobre as mulheres feitas por pessoas que não participavam de sua condição, além de fossilizar a moral advinda dessas interpretações no contexto.

Visto isso, salientamos a importância que Pizan dispensa à projeção de diversas parábolas bíblicas e mitos de mulheres pagãs na narrativa, pois são elas que solidificam as bases de *A Cidade das Damas*, um lugar construído sobre a remodelação das histórias já contadas, porém agora sob a perspectiva de uma nova letrada do reino, com o intuito de reavaliar as estruturas políticas e sociais do medievo.

Na “ingênua” bondade delas, seguindo nisso o preceito divino, as mulheres sofreram paciente e educadamente os grandes insultos que lhes fizeram, para

erro e prejuízo delas, tanto por palavras, quanto por escrito, fazendo referência a Deus para legitimidade do seu direito. Mas é chegada a hora de retirar essa causa justa das mãos dos Faraós [...] (PIZAN, 2012, p.66).

No decorrer da narrativa, o encontro com três Damas Celestiais faz Christine – a personagem que leva o nome da autora da obra – perceber que as histórias são escritas não para serem interpretadas somente sob um mesmo ponto de vista, sobretudo quando esse é suficiente para destituir a integridade de uma parcela social. Nesse caso, as mulheres virtuosas eram aquelas que mais sofriam com essas errôneas interpretações, pois, apesar de terem um importante papel na vida política e social, essa fama lhes era negada em proveito da ascensão do poder do homem dentro da sociedade. Visto isso, o que Pizan faz, com sua escrita, é revisitar as histórias de maneira que elas não difamem nem uma, nem outra parte, mas sim exemplifiquem a importância de cada uma delas de modo a utilizar em seu benefício as narrativas já contadas. Além disso, contar não é o único e primordial intuito das Damas Celestiais; exemplificar as atitudes das mulheres virtuosas dentro das histórias é o que nos proporciona estudar aquilo que neste artigo chamaremos de romance de tese, já que “[...] exemplos não faltam para demonstrar que as mulheres são naturalmente sóbrias, e aquelas que não o são pervertem sua natureza.” (PIZAN, 2012, p.85).

## Tese e antítese

O resultado da relação estabelecida entre a história narrada e o leitor propõe, muitas vezes, costumes a serem copiados e exemplos de uma sociedade, seja ela no interior de uma família, numa cidade ou mesmo em todo continente. É, portanto, fundamental para o estabelecimento de hábitos que serão normatizados e, espera-se, assimilados. É o que ocorre com o romance de tese:

*[...] le roman à thèse est un genre rhétorique au sens le plus littéral de ce mot (rhétorique : art de persuader) : le lecteur d'un roman à thèse se trouve dans une position analogue à celle du public d'un orateur, d'un professeur ou d'un prédicateur. [...] Le roman à thèse a en commun avec n'importe quel roman le fait d'être un texte narratif : il raconte une histoire. On bute alors sur la question suivante : comment une histoire – et de plus une histoire “inventée”, donc invérifiable – peut-elle démontrer quelque chose? Cette question, qui n'est qu'une forme particulière d'une question plus large: comment une histoire*

*peut-elle devenir le véhicule d'un sens univoque?* (SULEIMAN, 1977, p.469)<sup>1</sup>.

A noção de romance de tese de Susan Suleiman nos leva a observar como o leitor se porta diante de uma narrativa que carrega esse objetivo. A história toma o lugar do orador, do professor ou do pregador e passa a envolver o leitor – ou, por vezes, os ouvintes das histórias contadas – de modo que ele compreenda a tese descrita e internalize a sua ideia, transformando-se em um reflexo daquilo que ela transmite. Frente a isso, a questão levantada em *A Cidade das Damas* é: até que ponto a interpretação dos mitos, das histórias de mulheres pagãs e bíblicas está realmente direcionada ao bem-estar e harmonia social, e não ao estabelecimento da concentração do poder nas mãos de um grupo? Ou, como questiona Suleiman: como uma história inventada pode tornar-se uma maneira de demonstrar algo?

Sob essa perspectiva, notamos na obra que Pizan afasta-se da ideia de que tanto o autor das histórias das mulheres pagãs, dos mitos, quanto das histórias bíblicas<sup>2</sup> são os responsáveis pelas atitudes imprudentes de seus interpretadores, já que estes detêm o poder de compreender as narrativas dentro do campo semântico a que elas se prestam. Não nos afastamos, no entanto, da importância do autor e de sua escrita como um influenciador das visões pregadas no Medievo, porém é dada maior atenção aos leitores, pois eles se apresentam como um veículo e transformadores de ideias, principalmente em um momento em que a Europa começara a enriquecer sua biblioteca e, portanto, ofertando novas visões ao público.

A fim de reanalisar a condição a que era exposta a mulher do Medievo, Christine de Pizan mostra, através da fala de Razão, a técnica mais crucial de escrita que dará valor à obra como um diferencial daquelas que tratavam das mulheres, sempre as mostrando como inferiores aos homens: reunir os

---

<sup>1</sup> “[...] o romance de tese é um gênero retórico no sentido mais literal dessa palavra (retórica: arte de persuadir): o leitor de um romance de tese encontra-se em uma posição análoga àquela do público de um orador, de um professor ou de um pregador. [...] O romance de tese tem em comum com qualquer romance o fato de ser um texto narrativo: ele conta uma história. Depara-se, então, com a seguinte questão: como uma história – além de ser uma história “inventada”, portanto inverificável – pode demonstrar alguma coisa? Esta questão é somente uma forma particular de outra maior: como uma história pode tornar-se o veículo de um significado unívoco?” (SULEIMAN, 1977, p.469, tradução nossa).

<sup>2</sup> Lembramos aqui que Christine de Pizan trata tanto dos grandes filósofos e literatos, em relação às histórias literárias, quanto de Deus como representante de Autor bíblico, por isso certa prudência ao trabalhar com nomes que exprimiam os maiores valores políticos, sociais, artísticos e religiosos da Idade Média.

escritos sobre as mulheres e usá-los de maneira a enaltecer as virtudes delas. A releitura proposta demonstra que é possível ter uma segunda visão da história, reconstruindo estereótipos até então enraizados na sociedade. Dessa maneira, a Dama Razão não propõe que mudem o que está escrito, mas sim que os leitores sejam prudentes ao ler o que lhes está ao alcance, já que interfere de maneira decisiva na posição de indivíduos dentro da sociedade, nesse caso, as mulheres. E, provando a relevância do leitor, Dama Razão se prontifica:

E por mais digna que seja a obra, e feita por bom mestre, sempre alguém tenta e tentará deformá-la. Muitos são aqueles que querem intervir no assunto. Eles acham que se outros escrevem o que eles queriam dizer, então eles não podem estar enganados. É assim que eles se propõem a difamar. É uma espécie que conheço bem. Alguns se metem no assunto, compondo versos insípidos, ou baladas sem sentimentos, falando da conduta das mulheres ou dos príncipes ou de outras pessoas; mas são incapazes de reconhecer e corrigir baixas inclinações de sua própria conduta. (PIZAN, 2012, p.78).

A Dama demonstra, assim, que homens bons escrevem boas histórias, com bons exemplos, porém, quando mal interpretados por aqueles imprudentes, podem destruir virtudes dentro da sociedade. Não é diferente quando cita histórias bíblicas; na verdade, enfatiza-as, visto que, em um contexto ainda bastante regido pela Igreja, era impensável não seguir os dogmas religiosos. Sabendo que esses eram norteadores dos pensamentos de grande parte dos indivíduos da Idade Média, Pizan dá voz às Damas para contarem narrativas, demonstrando tanto o que é dito sobre elas, quanto aquilo em que as Damas acreditavam, como também interpretadoras, que deveria ser dito. Podemos ver, por exemplo, na história de Atalia, mãe de Ocozias e rainha de Jerusalém, reproduzida na Bíblia de Jerusalém da seguinte forma:

<sup>2</sup>Rs 11, 1-3 ***O crime de Atalia*** – <sup>10</sup>Quando a mãe de Ocozias, Atalia, soube que seu filho estava morto, resolveu exterminar<sup>b</sup> toda a descendência real da casa de Judá. <sup>11</sup>Mas Josaba, filha do rei, retirou Joás, filho de Ocozias, dentre os jovens filhos do rei que estavam sendo massacrados e o colocou, com sua ama, no quarto dos leitos. Assim Josaba, filha do rei Jorão, esposa do sacerdote Joiada e irmã de Ocozias, ocultou-o das vistas de Atalia e evitou que ela o matasse. <sup>12</sup>Ficou seis anos com eles, escondido no Templo de Deus, enquanto Atalia Reinava sobre a terra. (BÍBLIA. II Crônicas, 22, 10-12).

e argumentado pela Dama Retidão, a qual não defende a crueldade utilizada por Atalia, mas sim questiona o motivo pelo qual somente essas histórias são evidenciadas:

Segundo aquilo que está escrito nos livros, e a experiência, creio, não o contradiz, que, apesar de quantos filósofos e autoridades falarem sobre a leviandade das mulheres, verás que nunca existiu uma mulher mais perversa do que um grande número de homens. As mulheres mais cruéis, a quem os livros fazem referência, são Atalia e sua mãe Jezabel. Rainhas de Jerusalém, que perseguiram o povo de Israel [...] Mas, pense na perversidade de Judas que traiu tão cruelmente o bom mestre de quem ele era apóstolo e de quem só havia recebido o bem! Pense, ainda, na maldade, na crueldade dos judeus e do povo de Israel [...] Pense em Juliano, o Apóstata, que, por sua grande crueldade, tinha reputação de anticristo. O desleal Dionísio, desleal tirano da Sicília [...] (PIZAN, 2012, p.244).

Portanto, passagens como essa são amplamente demonstradas ao longo da construção da obra e enriquecem a intenção da autora ao provar que os grandes livros sempre dão ênfase somente às crueldades que algumas mulheres cometem e não às cometidas por homens. Ademais, analisamos aqui a função ilocutória<sup>3</sup> das falas das Damas, quando utilizam verbos que reforçam e ordenam a necessidade de mudanças para persuadir, por meio de demonstrações, neste caso, a personagem Christine, a rever seu olhar frente aos exemplos citados nas histórias, e a interpretação feita delas nos livros de renome para a construção de juízos de valores e morais, os quais desfavoreciam a atuação das mulheres dentro do Medievo. Desse modo, ao mencionar que se se quer demonstrar algo a alguém, é necessário que eu o convença da realidade dos fatos ou da veracidade que eles veiculam (SULEIMAN, 1977, p.469), Suleiman descreve o que ocorre com o uso das leituras das parábolas: a propagação do exemplo que é necessário seguir na comunidade. Nesse caso, a veracidade está baseada nas interpretações dos grandes autores sobre as parábolas, as quais eram utilizadas, principalmente pela força dos nomes dos escritores e pela credibilidade que tinham tanto na sociedade

---

<sup>3</sup> Para Susan Suleiman (1977), o ato de fala ilocutório define-se, em primeiro lugar, pela manifestação de uma ordem, pedido ou questionamento definido pela intenção que manifesta, ou seja, cada fala é construída pelo locutor com a intenção de obter um resultado de seu interlocutor de reconhecimento, de benefício, de mudança de opinião entre diversos outros resultados sempre dependentes da maneira como é construído ato ilocutório.

medieval quanto naquelas de outras épocas, para emergir moralidades textuais que corroboravam a formação do cânone masculino.

Para esse fim, Pizan utiliza uma técnica para sua escrita, a qual percorre toda a narrativa, seguindo, sistematicamente, o mesmo caminho por quase todo o livro. Assim, ao se acostumar com esse direcionamento, o leitor encontra até mesmo uma facilidade para interpretação. Essa técnica se baseia, grosso modo, em narrar a história, exemplificar o que ela revela e, ao contrário de somente mostrar ao leitor o epimítio<sup>4</sup>, explicar a interpretação inicial dos homens para, posteriormente, mostrar uma outra visão. Ao final, no Livro terceiro, porém, quando as Damas utilizam com mais veemência as histórias bíblicas, não é mais necessário usar dessa estratégia, já que se espera que o leitor tenha internalizado a interpretação que propõem as narradoras. Dessa maneira, chegar à moral torna-se incumbência do leitor, posto que já está preparado para compreender a narrativa e não somente lê-la ou escutá-la superficialmente. Assim, para induzir o olhar do leitor acerca do que é proposto e sobre como analisar a obra, *Dama Razão* pronuncia no Livro primeiro, capítulo XIII, sobre os homens suportarem as mulheres e seus erros no casamento:

[...] é verdade, como já te disse, que muitas excelentes mulheres são maltratadas por seus maridos, e isso sem nenhum motivo, mesmo tratando de uma minoria insignificante. Aliás, se eu te dissesse que todas são boas, ficarias logo convencida de que era mentira. Mas, não tratarei dessas últimas, pois tais mulheres vão contra a sua natureza. (PIZAN, 2012, p. 188).

O que é essencial dizer, diante dessa fala de Razão, é que não há a generalização da bondade das mulheres somente para cumprir o objetivo de mudar a visão de muitos sobre o que delas é dito. E a *Dama* confirma isso quando mostra a Christine que não seria correto falar sobre uma totalidade de damas virtuosas sendo que, assim como os homens, algumas pervertem sua natureza e não são dignas de serem mencionadas para povoar a Cidade. O que fica visível ao leitor sobre essas imperfeições que não as fazem dignas não é uma enumeração delas ao longo do texto, mas sim a exaltação que as Damas fazem das virtudes: ao colocar em voga o que é bom, conseqüentemente o leitor entenderá que tudo aquilo que vai de encontro a isso, naturalmente é considerado ruim e prejudicial

---

<sup>4</sup> Nas fábulas, assim como em diversas parábolas, há uma moralidade que pode ser revelada como um promítio (moral antes da narrativa), um epimítio (moral ao final da narrativa) e endomítio (moral ao longo da narrativa).

à conduta das mulheres e à Cidade. É necessário, porém, demarcar que, ao final do excerto – assim como faz em variados momentos – fala sobre “ser contra a sua natureza”, ou seja, as mulheres já seriam boas pessoas desde seu nascimento, entretanto algumas delas corrompem a virtude que lhes é dada.

Essa trajetória feita por Pizan assemelha-se às parábolas bíblicas no instante em que, assim como nas Sagradas Escrituras, ela faz do *exemplum* sua maneira de elaborar uma moral, porém esta associada a uma contradição à visão fossilizada da sociedade sobre as mulheres. Esse ato de exemplificar para demonstrar e persuadir, e não somente evidenciar as atitudes que devem ser seguidas é a maneira de se aproximar do leitor e mostrar que, assim como ele, os personagens também se encontram em uma realidade próxima e, portanto, podem sim espelhar-se nas mesmas atitudes. É em uma das histórias, no tópico XV – Sobre a rainha Semíramis – que há o exemplo mais evidente de *exemplum*. Dama Razão conta que essa dama havia sido criticada pelo fato de ter se casado com o próprio filho, o que, nas leis dos homens, era abominável (PIZAN, 2012, p.101). Porém, na argumentação da Dama, além de Semíramis ter se disposto a esse ato para salvar o império, a rainha acreditava que o filho merecia alguém de igual coragem e virtude como ela. Ademais, era inconcebível julgar seus atos em uma época em que não vigorava a lei dos homens da Idade Média, julgando algo descontextualizado.

Neste contexto, inicialmente se nota o conhecimento que Razão tem sobre as leis e como elas são instituídas na sociedade, pois mostra a Christine que, de acordo com as leis dos homens e a procedência jurídica, não se pode condenar uma pessoa a qual não faz parte de mesmo campo ou tempo judiciário de determinado povo, posto que seria uma imprudência julgar alguém por quebrar uma regra que não fora anteriormente estipulada. Inicia-se aqui, mais uma vez, o jogo das adversativas, pois “apesar de ser um pecado muito grande, essa dama não tem que se desculpar, pois ainda não havia lei escrita na época”. Para melhor resguardar os atos de Semíramis, Razão ainda mostra que, mesmo a rainha tendo praticado atos que não eram proibidos, ela ainda teve motivos justos que a levaram a fazer isso e, se julgasse que isso poderia vir a ser um pecado, não o teria cometido, já que era uma “[...] dama de muita virtude, força e coragem exemplar.” (PIZAN, 2012, p. 99).

Alguns autores, como Boccaccio, ao escreverem sobre essas e outras mulheres de destaque na história, procuram analisar, ao longo de sua narrativa, alguns juízos de valores que servirão para exemplificar aquelas mulheres grandemente virtuosas e que, portanto, merecem notoriedade a fim de que outras da sociedade



sigam o que elas fizeram de acordo com o que se espera do patriarcalismo. Uma dessas passagens interessantes e também escrita por Pizan é sobre Tisbe e Píramo, dois jovens apaixonados e filhos de nobres e ricos senhores. Boccaccio, por exemplo, em *De Claris Mulieribus* (1361-1362)<sup>5</sup>, conta a história com o intuito de destacar o que acontece quando as paixões tomam conta dos jovens e quão irracionalmente eles agem quando se encontram nesse estado. Pizan, sob outra perspectiva, mostra a coragem e a lealdade que Tisbe tinha ao seu amor, sendo notável o que ela fez para que nada os impedisse de ficarem unidos. É a partir da inferência de Christine que Dama Retidão exemplifica com histórias para justificar o engano de vários homens.

Dama, há sobre a terra uma lei natural de atração dos homens em relação às mulheres, e das mulheres em relação aos homens. Não se trata de uma lei social, mas de uma inclinação carnal, pela qual homens e mulheres se amam reciprocamente, com grande e apaixonado amor, entregando-se ao ardente desejo e ignorando o que faz queimar, neles, o fogo da paixão, apesar de todos conhecerem esse estado chamado amor. Os homens têm o hábito de dizer que as mulheres, por mais que façam promessas, são inconstantes, pouco apaixonadas, mentirosas e extremamente falsas. (PIZAN, 2012, p.263).

Esse comportamento reprovável, de acordo com Boccaccio, ao serem levados pela paixão, não é condenado por Dama Retidão ao exemplificar a história, pois o que está em análise não é sua conduta em ser levada a fugir com seu amado, mas sim o modo como ela foi fiel àquele por quem estava apaixonada, mesmo depois da trágica morte que tem Píramo. A lealdade e coragem são tamanhas que, após ver o amado morto por acreditar que um leão havia devorado Tisbe, ela se suicida tanto pela falta que faz o homem que ama quanto por carregar a culpa da morte de Píramo. A história da rainha Semíramis, de Tisbe e de outras várias mulheres está na obra para dar vida à interpretação, posto que, nessa trajetória, apenas se concebe o *exemplum* e conquista a moral quando se é capaz de chegar às entrelinhas da narrativa. Analogamente, podemos nos ater àquilo que Suleiman menciona sobre a parábola do Semeador: “*Seul l’homme qui ‘entend la Parole et la comprend’ porte du fruit*” (SULEIMAN, 1977, p.472)<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Confira Boccaccio (2013).

<sup>6</sup> “Somente o homem que ouve a parábola e a compreende consegue o fruto.” (SULEIMAN, 1977, p.472, tradução nossa).

Ele dizia: “Eis que o semeador saiu para semear. <sup>4</sup>E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho e as aves vieram e a comeram. <sup>5</sup>Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra. Logo brotou, porque a terra era pouco profunda. <sup>6</sup>Mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. <sup>7</sup>Outra ainda caiu entre os espinhos. Os espinhos cresceram e a abafaram. <sup>8</sup>Outra parte, finalmente, caiu em terra boa e produziu fruto, uma cem, outra sessenta e outra trinta. <sup>9</sup>Quem tem ouvidos, ouça!”<sup>d</sup> (BÍBLIA. Mateus 13, p.1727).

Ao terminar a história, há ainda a pergunta dos discípulos sobre o motivo de Jesus falar em parábolas, ao que ele diz: “É por isso que lhes falo em parábolas: porque veem sem ver e ouvem sem ouvir nem entender.”<sup>f</sup> (BÍBLIA. Mateus 13, p.1727). Podemos colocar, então, que as histórias contadas no livro remetem sempre a um sentido segundo que só é alcançado com a interpretação do leitor para des-cobrir a primeira narrativa e se aprofundar no *exemplum* dado na segunda instância. Tratar o texto como tendo somente esse primeiro senso é destituí-lo de seu poder moralizador.

### **Exemplum e moral: a construção do romance de (anti)tese**

A etimologia da palavra *parábola*, segundo Rusconi (1003, p. 350), é uma composição de duas outras palavras para, (genitivo) definido como: a partir da proximidade de uma pessoa, “de”, “de lado”, “a partir” e bolh, (substantivo) deverbativo da palavra ballw (verbo) definido como: o poderoso movimento de “jogar” ou “impulsionar” (KITEL, 1964, p.526). A junção resulta parabolh, um substantivo com o significado de “comparação”, “analogia”, “exemplo” [...] (RUSCONI, 2003, p. 350 apud SANOKI, 2013, p.104-105).

Ao dizermos que a importância da história é a compreensão da moral, não isolamos totalmente a relevância que a primeira análise demonstra; em verdade, ela tem grande papel na construção dessa técnica narrativa, visto que, sem a narrativa e a história, o leitor somente teria acesso à moral que, em muitos momentos, pode não ter sentido em sua vida. Por isso a parábola recorre a histórias que demonstrem a proximidade com a realidade do leitor/ouvinte para, desse modo, exemplificar, impulsioná-lo ao objetivo maior: a compreensão da moral. Assim, ao compreender que só chega a um bom ensinamento aquele que é um bom

ouvinte, no caso do sementeiro, ou que é necessário tomar atitudes que, muitas vezes, vai contra suas crenças por um bem maior e coletivo, quando tratamos da rainha Semíramis, o leitor/ouvinte se encontra mais confortável quando consegue conceber essas imagens a partir daquilo que ele conhece e que, muito mais viável, pode fazer parte de sua realidade. Assim, o *exemplum* é, ao mesmo tempo, o lugar onde não se espera que o leitor permaneça, mas por onde deve passar para a conquista da completa persuasão.

É dentro dessa perspectiva que, no livro, as Damas se direcionam às mulheres virtuosas, pois, assim como na parábola, elas querem afastar aquelas que não são dignas ou virtuosas o bastante para ouvir claramente e interpretar com sabedoria os ensinamentos passados.

[...] minha cara Christine, digo-te: foi a tua ingenuidade que te levou a esta presente opinião. Concentra-te, retoma tua consciência e não te preocupas mais com essas tolices; sabes que uma difamação categórica das mulheres não conseguiria atingi-las, mas sempre volta contra seus autores. (PIZAN, 2012, p.63).

Do mesmo modo como fala Jesus em suas parábolas, as Damas buscam também aquelas “eleitas”, afastando quem não é capaz de compreender (SULEIMAN, 1977, p.474). O intuito pedagógico da obra é, pois, para mostrar como se portaria uma boa ouvinte que quisesse adentrar a Cidade e fazer parte desse seleto grupo, por isso o tom pedagógico usado ao selecionar as histórias e contá-las. Relacionado a isso, havíamos dito, ao mencionarmos a técnica utilizada por Pizan, que ela não se prende somente à história e à moral, mas vai mais a fundo quando se propõe, primeiramente, a desconstruir as visões que deturpam a imagem das mulheres para, depois, revelar a moral das histórias. Isso transmite ao leitor uma maior confiabilidade, já que ele é conduzido a encarar uma realidade a qual, logo adiante, será desconstruída com argumentos baseados no mesmo texto que, anteriormente, fora utilizado para uma primeira interpretação.

Assim como as virtudes são ressaltadas, as Damas também narram sobre as faltas – ou vícios – que não deixaram alguns reinos prosperarem. Mas, do mesmo modo, parte da história é contada para, posteriormente, a análise ser feita, como acontece quando Razão, ao falar da prosperidade que terá o reino de Christine caso ela siga com boa conduta os ensinamentos proferidos pelas três Damas, conta a história das Amazonas. É interessante notar aqui que a pretensão de Pizan ao redigir a obra não é puramente exaltar as mulheres e seus feitos que

muitas vezes se concentram às margens do poder patriarcal, mas é, antes disso, mostrar que somente se edifica um reinado, seja ele governado por homens ou por mulheres, a partir da obediência às virtudes que são imprescindíveis para a adequada convivência; saber que a razão e o comedimento devem ser o alicerce para a prosperidade. Isso se mostra quando ela coloca, como nesse caso, o reino da Amazônia: essas grandes mulheres, conquistadoras de grande parte do Oriente, apesar de detentoras de extrema coragem e vivacidade em seus atos, deixaram seu reino sucumbir, restando somente o nome. Elas, então mulheres virtuosas, ainda não foram capazes de levar adiante a potência que criaram.

A história te ensina que o reino da Amazônia foi outrora estabelecido graças à iniciativa das numerosas mulheres cheias de coragem que desprezavam a condição de escravas. Elas o mantiveram durante muito tempo sob o império sucessivo de diferentes rainhas: eram damas muito ilustres, eleitas por elas e que as governavam sabiamente, conservando o Estado em toda sua potência. [...] E, no entanto, apesar dessa força e desse império, seu reino – como acontece com qualquer potência – acabou desmoronando, de maneira que hoje só o nome sobrevive. Mas, anuncio-te como uma verdadeira Sibila, que o edifício da Cidade que tens a tarefa de construir, e que edificarás, será bem mais forte. [...] saberás que tens em mim, se quiseres escutar realmente meus conselhos, um guia e uma diretriz para acabar tua obra sem nunca cometer erros. Chamo-me Dama Razão [...] (PIZAN, 2012, p. 67-68).

Confirmamos, pois, com a apresentação primeira da Dama Razão, que o intuito da obra é espelhar as virtudes para que estas sejam reflexos de uma sociedade em que o conhecimento será permitido àquelas mulheres notáveis, que farão do reino um lugar perene como o bronze. Esse inicial discurso da Dama Razão é o começo para iluminar os olhos de Christine, a fim de que ela saia da escuridão que a cega ao ler diversas obras que tratam as mulheres como seres inferiores.

No final do Livro II e no Livro III essa técnica já se encontra menos evidente; agora as histórias bíblicas tomam lugar na obra e não necessitam de uma narradora conferindo-lhes uma moral, pois, diferentemente do que acontece nos outros textos, as personagens, por si só, tanto contam a história quanto suas atitudes já conduzem a uma moral. Após as primeiras histórias, encontramos outras que se apresentam como uma repetição dos mesmos atos, porém em diferentes contextos. Ora, essa repetição proposital valida as histórias anteriores,

já que exemplifica a mesma conduta em diferentes mulheres, ou seja, a virtude, ainda que varie de pessoa, não pode ter seu significado modificado. Suleiman destaca essa característica também em uma parábola bíblica: O filho pródigo (BÍBLIA. Lucas 15, 11-31, p.1817).

Na parábola do filho pródigo, diferente de outras na Bíblia, não há mais a interferência de Jesus ou de outra personagem para evidenciar a moral aos leitores/ouvintes, mas sim puramente a história para que o leitor infira a doutrina. Essa história, portanto, interpreta-se por si mesma, as próprias personagens têm uma tomada de consciência que leva o leitor/ouvinte por esse mesmo caminho. Essa técnica é o que Suleiman chama de *redondance* (SULEIMAN, 1977, p.479), ou seja, a construção da história é concomitante à construção da moral, posto que o filho pródigo, ao compreender que o seu ato era inadequado no contexto, volta à casa já transformado, diferente de quando havia partido. Essa transformação, essa aprendizagem ao longo do caminho para a conquista da moral e da boa conduta é transmitida ao leitor/ouvinte de forma que ele se identifique e entenda a moral a partir de atitudes humanas que, bem se sabe, não estão presas somente a uma narrativa, mas a um contexto do qual ele faz parte. Para finalizar a técnica, a fábula termina com a fala de Jesus, porém não interferindo de maneira a apontar a interpretação que deva ser seguida, mas somente para enfatizar a história e o que nela ocorre, ou seja, é evidente a construção da moral como um “passo a passo” (SULEIMAN, 1977, p.480). A parábola, portanto, é uma maneira de confrontar a realidade, apresentando-se como um meio de enxergar o ser humano e, mais importante, de se identificar com ele e aprender com seus atos (SANOKI, 2013).

É esse caminho que Pizan traça em seu livro: assim como nas Sagradas Escrituras, a autora também conta histórias, primeiramente, no nível superficial e demonstra sua moral por meio da narração das Damas e, posteriormente, confiante de que as histórias, por si só, já explicam o comportamento, explana-as de modo contínuo sem interferências ou interpretações próprias. É possível perceber, então, que, para ganhar a confiança do leitor/ouvinte, as Damas, gradativamente, percorrem um caminho que o acostumará com certa interpretação. É o que ocorre, por exemplo, com as histórias de Santa Catarina, a dama de dezessete anos que governou o reino do pai após sua morte, cristã e devota a Deus, uma santa virgem que presenciou um milagre por sua fé (PIZAN, 2012, p.297-299); com Santa Margarida, que, encerrada numa cela, se persignou e, assim, matou a serpente que estava com ela (PIZAN, 2012, p.300); com Santa Lúcia, a qual, com sua retórica impecável, conhecia os sermões e, dessa maneira, conseguiu fazer com que Alceja, rei da Barbária, não a violentasse (PIZAN, 2012,

p.300-302). Assim o livro percorre com diversas outras damas, as quais, provando seu respeito e submissão a Deus, conquistaram a dignidade de ser renomadas. Ao fim desse caminho, fechando a moral como numa *redondance*, as Damas apresentam o exemplo de maior autoridade dentro da Cidade: a Virgem Maria, a rainha do reino e modelo de bons princípios, a que inspirou as outras damas a tomarem atitudes nobres. Ora, não bastassem longas páginas de histórias de damas virtuosas, era necessário enfatizar, fechando o ciclo, as atitudes primorosas daquela que ocupará a cadeira mais alta da Cidade. Feito isso, é possível garantir que o público leitor seguirá com a mesma compreensão ao longo das outras histórias e, logo, é factível e eleição do público ideal para a Cidade: somente aquele que foi capaz de seguir os mesmos passos, exemplos e condutas.

Outro ponto de destaque é que, apesar das descrições das atitudes das damas, não há demasiados detalhes ou menções a outros núcleos narrativos que possam fazer o leitor/ouvinte se distrair. Isso porque, ao traçar um rumo sem muitas ramificações, a autora limita o sentido que propõe a esse romance de tese: quanto mais restrições a história tem, mais restrito também fica o olhar do público. Assim, há quase um sentido unívoco que não se dilui com o decorrer da narrativa.

*Dans le roman à thèse, par contre, les contraintes jouent à tous les niveaux du récit. Le sens se construit progressivement, mais il n'est pas pulvérisable. Au contraire, plus on avance, plus les redondances se multiplient et plus le sens se limite, se fait un. [...] l'assimilation à l'exemplum permet de supposer que le roman à thèse impose non seulement un sens, mais une axiologie. Il propose des valeurs. Seule la présence d'un système de valeurs inambigu (dualiste) permet à l'exemplum – et au roman à thèse – d'aboutir à des règles d'action [...]* (SULEIMAN, 1977, p.487)<sup>7</sup>.

Esse romance de tese, portanto, propõe não só sentidos como – e principalmente – ações a serem seguidas para, nesse caso, adentrar a Cidade ideal. É a presença de um trajeto que leva Christine a conclusões esperadas pelas Damas. Ao iniciar a história, Dama Razão menciona que sua missão é retirar a personagem da alienação que a cega a ponto de rejeitar aquilo que tem

---

<sup>7</sup> “No romance de tese, ao contrário, as limitações estão presentes em todos os níveis da história. O sentido se constrói progressivamente, mas ele não é pulverizável. Ao contrário, quanto mais se avança, mais as *redondances* se multiplicam e mais o significado se limita, faz-se um. [...] a assimilação ao *exemplum* permite supor que o romance de tese impõe não somente um sentido, mas uma axiologia. Ele propõe valores. Somente a presença de um sistema de valores sem ambiguidade (dualista) permite ao *exemplum* – e ao romance de tese – levar às regras de ação [...]” (SULEIMAN, 1977, p.487, tradução nossa).

convicção de saber, para acreditar em algo que Christine só conhece por meio de uma pluralidade de opiniões alheias (PIZAN, 2012, p.61-61), ou seja, afastá-la dessas várias interpretações e encaminhá-la a uma única que chegará ao primeiro objetivo colocado. Assim, conferimos o valor a esse romance não só como de tese, mas de antítese, já que, para chegar ao ponto desejado pelas Damas, é necessário o trabalho com a desconstrução das ideias primordiais para, somente depois, levar a personagem pela lógica e único sentido restringido pelas Guias.

## Conclusão

A determinação de valores, principalmente em uma época em que eles já estavam pré-determinados, desafia o leitor/ouvinte a rever aquilo que já está formado em sua bagagem cognitiva para compreender uma ideia nova e ser levado por ela ao longo de todo o texto. Esse comportamento faz com que o romance de tese seja demarcado com sentidos únicos, não conferindo espaços para novos olhares que possam desviá-lo de seu objetivo. Ora, não importa que a doutrinação seja em um único sentido dentro do romance, seja ela política ou religiosa. O que importa, somente, é que a moral não será alvo de olhares plurais que possam desmoronar a Cidade construída a partir da ressignificação.

### **“THE BOOK OF THE CITY OF LADIES”: A NOVEL OF (ANTI)THESIS**

**ABSTRACT:** *The resignification of views inherent to stories that are fossilized in society and that concern particular events or groups has always been hard work, since the morality arising from role models deemed as righteous and natural, within a certain context, must be reconstructed. This is what occurs in The City of the Ladies (1401), by Christine de Pizan, which deconstructs pre-established theses regarding the role of women in the Middle Ages that are supported by renowned authors and by the biblical interpretation of Medieval men of the parables. Therefore, with the aim of broadening the reader's view, the use of theses and antitheses is observed as reevaluations of role models and, hence, of the morals imbued in them, which have not changed for centuries.*

**KEYWORDS:** *Resignification. Thesis. Antithesis. Moral. Role model.*

## REFERÊNCIAS

ASSIS, R. F. S. **A cristandade e o reino francês. Duas facetas do poder régio (1372-1404)**. 2008. 111f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2008.

Karla Cristiane Pintar

BÍBLIA, português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: PAULUS, 2002.

BOCCACCIO, G. **Les femmes illustres (De Mulieribus Claris)**. Traduit par Jean Yves Boriaud. Paris: Les Belles Lettres, 2013.

PIZAN, C. **A Cidade das Damas**. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Mulheres, 2012.

SANOKI, K. Parábola: um gênero literário. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, São Paulo, v.7, n.12, p. 102-112, jul./dez. 2013.

SULEIMAN, S. Le récit exemplaire. **Poétique**: revue de théorie et d'analyse littéraires, Seuil, n.32, p.468-489, 1977.

### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BOCCACCIO, G. **Decamerão**. Tradução de Raul de Polillo. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

LE GOFF, J. **Em busca da Idade Média**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

